

CTDI, união de facto entre antigas e novas tecnologias da informação

Maria Otilia Pereira Lage

Universidade Lusófona do Porto, Portugal

CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Paulo Ferreira

Instituto Superior de Engenharia do Porto – Departamento de Informática, Portugal

Resumo

Traça-se o contexto de emergência do Curso de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação (CTDI), enquanto licenciatura bi-etápica, no início do actual milénio, quando em Portugal era ainda inexistente nesta área, qualquer curso de ensino superior público ou privado, quer nas universidades, quer nos institutos politécnicos. Realçado o pioneirismo institucional do CTDI, faz-se uma breve abordagem ao historial da sua concepção, condições de ancoragem e desenvolvimento sustentado que lhe permitiu evoluir para o actual modelo de licenciatura pós-Bolonha e continuar a formar profissionais da informação com competências diversificadas e colocação em variados sistemas de emprego.

A partir dessa reflexão sociohistórica e crítica, perspectiva-se, ao nível dos *desafios* futuros para o *profissional da informação*, um horizonte aberto que se designa de "informação aplicada" e "literacias tecnológicas" a explicitar em traços largos, visando uma visão mais alargada dos saberes necessários para uma participação mais activa dos profissionais da informação (e não só) num mundo aparentemente dominado pelas novas tecnologias. Os saberes necessários terão a ver com a manipulação das tecnologias, mas também com a sua compreensão e análise, do ponto de vista social e histórico.

Palavras chave: Tecnologias da informação, literacias tecnológicas, informação aplicada, Ciências da Documentação

CTDI, UNIÃO DE FACTO ENTRE ANTIGAS E NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este texto dar uma visão sintética do contexto de surgimento do CTDI e condições da sua sustentabilidade, bem como de novos desafios que actualmente se lhe colocam, e uma visão mais alargada dos saberes necessários para uma participação mais activa dos profissionais da informação num mundo aparentemente dominado pelas novas tecnologias.

Os saberes necessários terão a ver com a manipulação das tecnologias, antigas e modernas, mas também com a sua compreensão e análise, do ponto de vista social e histórico e requerem um quadro referencial de formação baseado na “informação aplicada”, mais ambicioso, aberto, flexível e vocacionado para o pragmatismo e a imprevisibilidade.

Os profissionais da informação que dominavam a documentação vêem-se hoje enredados na Web que lhes foge do controle e traz consigo uma «descontinuidade» histórica, que segundo alguns deixa o passado inútil como base de perspetivação do futuro, pressuposto que, em nosso entender, deve ser tido em conta, para fundamentadamente ser contrariado e reperspectivado.

1. PARA A HISTÓRIA INSTITUCIONAL DO CTDI

Os 10 anos de existência do curso de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação (CTDI) na Escola Superior de Estudos Empresariais e de Gestão (ESEIG) que aqui e hoje se assinalam, são, porventura, o melhor testemunho da justeza da sua criação, consistência e sustentabilidade.

O CTDI surgiu, como licenciatura bietápica no ano lectivo 2001-2002, com uma estrutura curricular multi e interdisciplinar integrando as áreas científicas da Documentação e Informação, as Tecnologias da Informação e Informática e as Ciências Sociais e Humanas designadamente, Direito, História, Administração e Gestão, foi criado pela Portaria nº 692/2001, DR IS – B 158 (2001-07-10) 4157-4160 e o seu plano de estudos aprovado por Portaria nº 19/2002 DRIS –B3 (2002-01-04)76-78.

Em 2005-2006 saíram os primeiros licenciados e, em 2006, este curso, de banda larga e natureza profissionalizante, para formar bacharéis e licenciados de que o mercado de trabalho nacional carecia, foi objecto de adequação ao novo modelo de Bolonha então introduzido no ensino superior universitário e politécnico nacional no âmbito da UE.

1.1. A plasticidade de concepção deste curso, da autoria de Otilia Lage, então chefe de divisão de Documentação do IPP que agregou a colaboração de Paulo Ferreira, docente do ISEP, inicialmente

pensado no antigo modelo das licenciaturas de 4 anos, permitiu-lhe adaptar-se, com a mesma matriz, base do seu actual modelo, às necessárias adequações.

O pioneirismo que representou a concepção base desta licenciatura então inédita, já que não existia reconhecido o grau de licenciado em Ciências da Informação e da Documentação no sistema de ensino superior nacional, foi apenas seguido, no ano do seu lançamento, pela criação de outra licenciatura na área, da responsabilidade conjunta da Faculdade de Letras e Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Os constrangimentos de vária ordem, mormente de cariz corporativo, então existentes, não impediram o sucesso da implementação e ancoragem desta formação assente na máxima de fazer das fraquezas forças e na filosofia de transformar os obstáculos em desafios e as dificuldades em oportunidades.

1.2. Para a sua sustentação, três pilares se revelaram fundamentais: a constituição de uma equipa docente qualificada, estável e academicamente reconhecida, a aposta na investigação académica continuada de que a tradicional área BAD em que este curso surge, então carecia e, ainda hoje, embora menos, continua a necessitar, e a procura de novos horizontes de empregabilidade dos formandos, designadamente no contexto da docência das tecnologias da documentação e da informação nos ensinamentos básico e secundário.

1.3. Esta é a etapa inicial do processo socio-histórico de aparecimento e desenvolvimento do CTDI, que exige se deixe à actual equipa docente do curso e à ESEIG, a proposta de elaboração e divulgação da sua história institucional que se impõe, até como forma de daí retirar possíveis lições para futuro.

Daí também o horizonte que nos importa esboçar, agora, tendo em atenção a temática estimulante deste VI Encontro Anual do Curso.

2. “INFORMAÇÃO APLICADA”: OUTRO DESAFIO

Estava já subjacente à concepção e lançamento do CTDI, um quadro referencial de formação avançada que designamos de “Informação Aplicada”, com estrutura e fundamentação mais inovadoras e ambiciosas, o qual adquire outra relevância, na conjuntura actual, mais complexa, de desenvolvimento e maturidade da área da Documentação e Informação face a um mercado de trabalho mais exigente, fluido e incerto para os profissionais da informação. Daí que se justifique a sua apresentação sumária numa perspectiva de futuro, incerto, como sempre.

2.1. Esse referencial de formação integra as componentes de Gestão de Informação e Sistemas, Ciências Documentais, Informática, Direito Empresarial e Comunitário, Gestão das Organizações e da Tecnologia e História e Sociologia da Inovação, das Ciências e das Técnicas.

Dirige-se a um mercado de emprego em que, mais do que os contratos de trabalho “stricto sensu”, se tendem a privilegiar os já chamados “contratos de actividade” e cujas características são reconhecidamente as seguintes, nos termos definidos pela OCDE:

- acelerada transformação do mercado de trabalho e sistema de emprego tradicionais;
- movimento em direcção ao trabalho temporário e a tempo parcial;
- crescimento das novas profissões da informação e de serviços;
- altos níveis de criação e destruição de postos de trabalho;
- organização do trabalho em função dos modos de reorganização dos postos de trabalho, etc.

2.2. Horizonte prospectivo de empregabilidade

Previa-se, e prevê-se ainda, a necessidade de preparação de um novo tipo de profissionais - gestores da inovação e agentes de mudança-para os novos contextos de empregabilidade que se vêm impondo no mundo do trabalho em acelerada transformação das suas características tradicionais.

Prevê-se igualmente a formação de trabalhadores, individual e socialmente, aptos para agir, coordenar e dirigir, em situações de grande imprevisibilidade e acelerada transformação, necessários na designada “Sociedade da Informação e do Conhecimento” e na emergente “Nova Economia” designadamente, na União Europeia, em cujo sistema de emprego e correspondentes linhas tendenciais de desenvolvimento, o mercado de trabalho nacional é progressivamente inserido e integrado;

Prevê-se ainda a preparação para o desempenho das seguintes profissões e actividades:

- gestores de informação e consultores na área da gestão e da gestão da informação;
- líderes e assessores de liderança, agentes de mudança e gestores da inovação em ambiente empresarial e institucional;
- técnicos empreendedores de novas tecnologias e serviços emergentes, para todo o tipo de empresas e organizações privadas e públicas, mas também para sectores tradicionais com capacidade de auto - modernização e competitividade;
- gestores de projecto e de trabalho por projectos, gestores de organizações em rede, com elevados níveis de desempenho e capacidade de intervenção próprios da função de coordenação de estruturas intermédias e flexíveis de direcção;
- quadros intermédios e de chefia, portadores de capacidades e competências diversificadas e saberes teórico-práticos múltiplos, preparados para usar, saber e ensinar a usar a gestão e as tecnologias da informação e da comunicação como meio e fonte de oportunidades estratégicas de desenvolvimento, em contextos de competição global em que se impõe o aproveitamento inteligente de vantagens competitivas;

2.3. “Informação Aplicada” - Arquitectura e conteúdos

S A B E R C O M O	<i>Conectividade</i>	<i>Qualidade</i>	<i>Tecnologias</i>	<i>Gestão informacional</i>
S A B E R	Organização em Redes Trabalho por projectos	Gestão da Inovação Tomada de decisão	Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação em actualização e perspectiva sócio-histórica	Empreendedorismo, Programação, Planeamento, Parcerias, Contratualidade, Administração contingencial
O	Investigação e desenvolvimento	Integração da mudança	Tecnociências e tecnoculturas	Compreensão sócio-histórica e crítica das tecnologias
Q U Ê	Sector empresarial Administração pública	Cultura institucional	Informação e informática aplicadas	

Impõe-se, porém, face às práticas quase compulsivas de um quotidiano social de crescente intermediação tecnológica e de compra-venda da informação, a lupa necessária de uma sabedoria reflexiva, desiderato essencial de formação contínua do profissional de informação.

3. OS SABERES NECESSÁRIOS

Falar sobre todos os saberes necessários seria demorado, mas como exemplo podemos usar os desafios que nos são colocados na nossa interacção constante com a informação, como ela nos é entregue, como ela nos é negada, onde ela está realmente, ou como nós a vendemos sem nos apercebermos.

Um dos aspectos fundamentais é a crescente intermediação tecnológica, que pode por um lado vulgarizar conceitos técnicos, e por outro tornar invisíveis pormenores delicados. Os conceitos de latitude e longitude que até há uns anos serviam para se identificar a zona de um pescueiro, ou a posição de um navio, podem ser hoje usados através de um GPS (ou mais correctamente GNSS) por alguém que queira ir comprar roupa a uma loja de fábrica, ou almoçar a um restaurante no meio do campo.

E se tivermos um GNSS no automóvel, ele guarda alguma informação sem nós sabermos? Em caso de acidente pode (ou deve) ser usado como “testemunha”?

Com a proliferação dos *smartphones* e *tablets* cada vez estamos mais “sempre *online*”, mas sem sabermos onde os dados estão gravados. Nos nossos telemóveis, a lista de contactos está na memória do telemóvel ou num cartão de memória? Temos uma cópia de segurança? A operadora de telecomunicações pode (ou deve) fazer uma cópia desses dados?

Isso teria vantagens para quando perdessemos o telemóvel, mas levanta outros problemas. Assegurar a nossa privacidade será uma questão tecnológica (fazer com que o software que se comporte correctamente) ou uma questão de ética?

Será a privacidade algo de importante? Em que casos? Recentemente, em França, um caso de terrorismo teve como pista fundamental um endereço IP (ou endereço Internet). Isso quer dizer que por exemplo, quando lemos em casa uma notícia de jornal numa página Web, essa informação pode ser guardada por alguém, que pode conhecer os nossos hábitos de leitura.

No entanto, mesmo na época do *Twitter*, as tecnologias como a imprensa não desaparecem, colocam novos problemas, criam novos usos e sinergias inesperadas.

Como fazer uma citação bibliográfica de um *tweet*? Se calhar no século 19, o problema era como citar correctamente um telegrama, e temos em comum com o século 19 (e outros) muito mais coisas que parece.

As tecnologias de impressão permitem junto com a informática, que todos nós sejamos vendedores de informação. Ao termos um cartão de desconto de hipermercado, ou um cartão de fidelidade de uma loja, onde está impresso um código de barras, estamos a usar a impressão (já não em papel mas em plástico) para vendermos a informação sobre os nossos hábitos de consumo, sendo pagos pelas empresas em descontos.

No entanto, não deixa de ser curioso que para nós, essa informação não existe a menos que ao chegar a casa, tenhamos o trabalho de colocar numa folha de cálculo todos os itens dos recibos, os organizemos por categorias, e ao longo do tempo façamos a sua análise.

As tecnologias de impressão continuam a ser um meio eficiente (muito barato) de fornecer informação aos seres humanos e com os códigos de barras, também podem fornecer informação aos computadores. Com os códigos 2D também podem fornecer endereços Internet para material ou informação adicional.

Há uns anos atrás um computador com câmara fotográfica, poder de cálculo suficiente para processamento de imagens, e acesso à internet era algo raro, caro, enorme e estava preso a cabos de alimentação e de rede. Hoje cabe no nosso bolso e chama-se telemóvel.

Temos assim que as tecnologias de impressão permitem incorporar nos objectos de todos os dias ligações para a Internet. As ligações da Internet para o mundo real são apenas (por enquanto) simples referências geográficas, e às vezes são pouco fiáveis.

Portanto, os livros, as revistas, as caixas de cartão, as folhas de papel, e muitos outros objectos, estão a ganhar, porque podemos colocar lá ligações para a Internet, enquanto na Internet não podemos colocar um livro com a capa envelhecida, o papel rugoso e o autógrafo do autor.

No caso dos livros, o importante é a visibilidade da informação. Mesmo que o texto em causa seja incompreensível para o leitor, o conteúdo de um livro é sempre legível e visível para o seu autor. O autor recebe sempre uma prova para confirmar se era aquilo que pretendia com a sua obra, ou nos casos mais graves para ter consciência das atrocidades a que a obra foi submetida.

Nos casos em que vendemos informação como consumidores, o que já é um paradoxo, temos a agravante de não sabermos que informação estamos a vender, mesmo nas poucas ocasiões em que estamos conscientes dessa venda.

CONCLUSÃO

Estamos na idade da informação, mas a informação está cada vez mais invisível. O estudo das tecnologias é fundamental não por causa das tecnologias em si, mas por causa da informação que estas podem revelar ou esconder.

A pertinência da informação e da sua visibilidade está na relação directa com a produção de novos conhecimentos que viabiliza. Assim, importa saber o quê, mas sobretudo, saber o como.